

João Abel Manta : arte de intervenção política

José Cardoso Pires *

Hoje e sempre o que perturba o «leitor» da obra de João Abel Manta é a trabalhada perfeição oficial, esse demorada e comprazido gosto no criar, o agudo humor que conduz o traço e o pincel. Está nisto um tipo de Cultura — literária, sem dúvida, ousadamente literária: plástica, também: uma atitude crítica que se gera no desenvolvimento da própria expressão formal do tema, não apenas na mensagem.

Atitude crítica e também política, urge dizer. Porque raros antifascistas-de-antes-do-25-de-Abril actuaram plasticamente na intervenção política como João Abel. Nos cartoons (que o levaria aos tribunais fascistas)? Sim, aí para começar. Mas também no resto: na pintura, quero eu dizer. Mesmo quando a sociedade de consumo era para muitos dos nossos artistas uma opção pelo informal ou pela abacadabra privado, João Abel vinha lembrar-nos, em telas e colagens, a Guerra de Es-

panha, o Papa tenebroso ou as cidades desumanizadas do apocalipse capitalista. Vinha, como nos desenhos intitulados «Cavaleiro» da série aqui apresentada, inspirar-se em Che Guevara e fazer-lhe homenagem.

Revejo os restantes, todos estes óleos e desenhos datados de 71/72. Falam do Santo Ofício, coisa a propósito desses anos de opressão religiosa com excomungadores de sotaina a pulularem pelos ecrãs de TV, pela Imprensa oficial e pelos microfones da E.N. Caso da capela do Rato, é bom lembrar. Prisões de católicos. Invasão dos padres-censores nos expurgatórios da Cultura. Etc.

Mas desenhos e pinturas falam de mais coisas e de mais tempos (sempre actuais). De Shakespeare, por exemplo, sugerindo grandeza em contraponto com o mundo fechado, mesquinho, que era o Portugal fascista. Poderei deter-me na paixão shakespeariana de João Abel por longo tempo. Descobrir a

sábia cenografia que enfoca estas personagens-figurinos isabelinas: apreender-lhe o rigor histórico — melhor: o eco que elas enviam para o nosso mundo de hoje, isso e muito mais. Podere, insisto, demorar-me nas mil descobertas que se desprendem continuamente de uma arte assim, tão intencionalmente trabalhada.

Mas passo adiante. Registo apenas o escrúpulo do traço (quase anatómico), o tom antidemagógico da pintura (tão antidemagógico corre o risco da sofisticação) e para diante dos «óleos malditos»: bruxarias, missas negras, satanismos, pretextos que noutros tempos levaram muito bom português às fogueiras da Inquisição. E o curioso é que são expressões paralelas às que nos vêm dos desenhos porque igualmente «relatam» flagelações e põem nas aras do sacrifício a mulher e o pássaro como obsessões purificadoras...

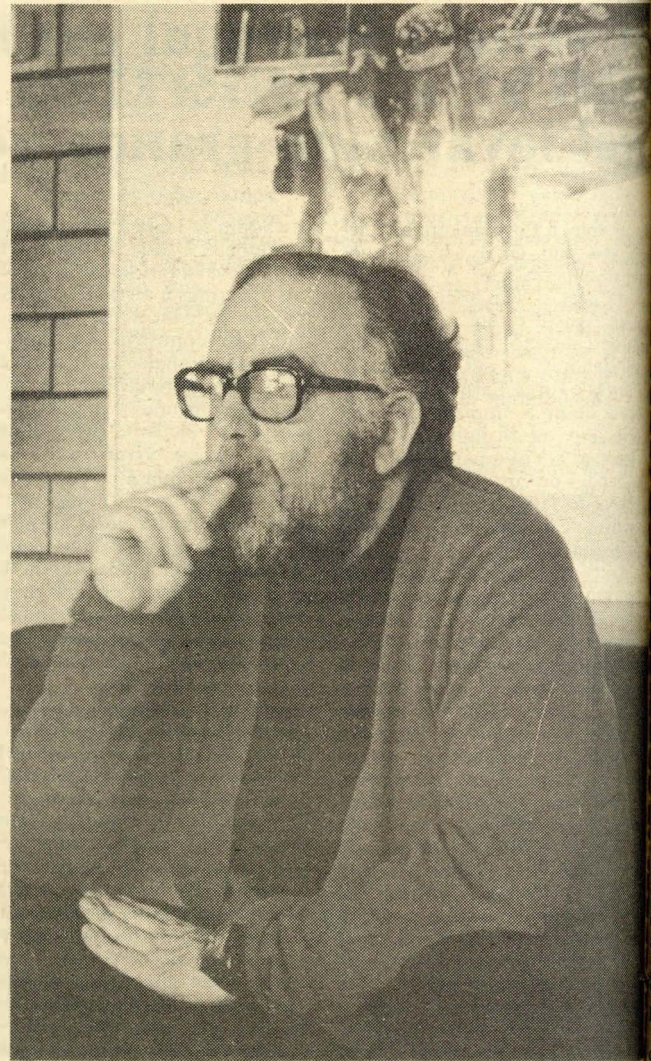
O belo do horrendo, dir-se-ia ao olhar estas telas. Ou, antes:

de como se pode descrever em beleza a alienação que repugna. E tudo em discurso precioso e acidulado (é esse o humor destes quadros, quanto a mim), tudo nunca tenebrosa sedução de gosto e de harmonia. Beleza e inferno, incenso e sangue, útero e morte, real e alucinação — eis as oposições superiores que aqui se desenvolvem e que lhe perfazem o clima e a unidade dialéctica.

Sir William Shakespeare, herói maior de João Abel, já tinha afinal dito o mesmo quando escreveu — cito de cor — que na Bíblia se contam também a defesa dos diabos.

(Este texto figurará no catálogo de exposição pinturas e desenhos de João Abel Manta, que será inaugurada na próxima semana na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, onde ficará patente até ao fim do mês)

Escritor, director-adjunto do «Diário de Lisboa»



João Abel Manta
Uma actuação plástica antifascista